

**ARTIGO**

por Josemar Dantas

DOIS BRASIS

O discurso dos titulares do poder público federal vê o Brasil como invejoso cenário de boa aventura social e oásis à salvo de eventuais instabilidades econômicas mundiais. No estrangeiro, a imagem assim projetada leva muitos à convicção de que o país é tão civilizado e sólido quanto a Suécia, a Noruega, a Finlândia, por exemplo. Quando aqui chegam, dão-se conta de que estão diante de generalizada desorganização, insegurança, péssima qualidade dos equipamentos urbanos, transportes públicos caóticos e serviços de saúde pública bandalhos.

A realidade construída pelo governo raia a alegorias místicas, como se a palavra oficial se erguesse sobre os mistérios da fé, assim insuscetível de oposição dos cren-tes. Sucede que há profanos, herejes incorrigíveis, dispo-ostos a contraditar a pregação beatífica do Palácio do Planalto e seus auxiliares. A exaltação do Sistema Único de Saúde (SUS) como uma das instituições político-sociais mais eficazes do mundo causa espanto.

Não há um único dia em que os jornais e os meios televisivos não mostrem tragédias humanas em número alarmante de hospitais e postos de saúde. Milhares de pessoas, no conjunto de unidades hospitalares conveniadas ou públicas, padecem em filas quilométricas ou são lançadas ao chão em corredores e áreas infectas. Muitas morrem antes do atendimento. Mas vende-se à opinião pública a noção de que o modelo do SUS, por apreentar “ótimos resultados”, é copiado em vários países, que enviam técnicos ao Brasil para compreendê-lo. É verdade. Mas as

nações que o adotaram são algumas das mais empobrecidas da África, repúblicas ainda não preparadas para formulação de políticas estratégicas de saúde. E consideram que podem operar o sistema com a eficácia que aqui malogrou.

A presidente Dilma Rousseff garante que o Brasil vai alcançar elevada taxa de crescimento econômico, a despeito da crise internacional. Já o Banco Central adverte que o avanço do Produto Interno Bruto (PIB) não passará de 1,5%, algo à beira da estagnação. É o pior desempenho entre os países emergentes. Segundo projeções do FMI, apesar de quedas fortes, a África do Sul fechará o ano com aumento de 3% do PIB, a Rússia 3%, a Índia 6% e a China 7,5%.

A política fiscal e monetária do governo, lastreada em renúncias tópicas de incidências tributárias e redução das taxas de juros, busca elevar o consumo da população para turbinar o PIB. Não deixa de ser providência útil, mas insatisfatória. Com renda média anual de US\$ 11,6 mil, não há como alargar o poder de compra da população para além de semelhante limite — não a ponto de assegurar desenvolvimento sustentável apenas com base no mercado interno de consumo. O cenário sugere que o Brasil só consolidará sua vocação para se erguer entre as nações mais estáveis do mundo quando investir ao extremo da ousadia em educação. Ou seja, na formação de quadros aptos a produzir tecnologias avançadas e inovações científicas.

Seria uma dívida para os brasileiros se pudessem viver no país que a presidente Dilma contempla do alto do Palácio do Planalto.